

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE PSICOLOGIA**

**DEVANEIOS CIDADINOS: NOTAS SOBRE O MAL ESTAR NO
ESPAÇO URBANO**

WAMBERTO DA SILVA MEDEIROS

CAMPINA GRANDE – PB

2016

WAMBERTO DA SILVA MEDEIROS

**DEVANEIOS CIDADINOS: NOTAS SOBRE O MAL ESTAR NO
ESPAÇO URBANO**

Trabalho apresentado à Unidade Acadêmica de Psicologia do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de Campina Grande/PB em cumprimento às exigências para obtenção do título de Bacharel em Psicologia sob orientação do Professor Ms. Angelo Giuseppe Xavier Lima.

CAMPINA GRANDE – PB

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial "Tereza Brasileiro Silva"-
UFCG**

M488d

Medeiros, Wamberto da Silva.

Devaneios citadinos: notas sobre o mal estar no espaço urbano / Wamberto da Silva
Medeiros. – Campina Grande, PB: O autor, 2016.

29 f. 21 x 27,9 cm

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Federal de
Campina Grande, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde.

Referências:

Orientador: Ângelo Giuseppe Xavier Lima., Me.

1. Cidade. 2.Experiência. 3.Mal estar. I. Lima, Angelo Giuseppe Xavier. (Orientador). II.
Titulo.

BSTBS/CCBS/UFCG

CDU 159.964.2 (813.3)

2016

WAMBERTO DA SILVA MEDEIROS

DEVANEIOS CIDADINOS: NOSTAS SOBRE O MAL ESTAR NO
ESPAÇO URBANO

APROVADO EM: 14 / 10 / 2016

NOTA: 10,00

BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Angelo Giuseppe Xavier Lima

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

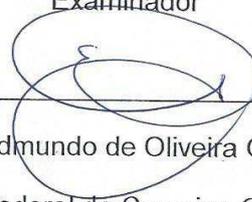
Orientador



Prof. Francisco Felipe Paiva Fernandes

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

Examinador



Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais, familiares e amigos que me suportaram durante estes anos de graduação. Foi uma ótima experiência!

RESUMO

Este escrito aborda o mal estar no espaço urbano, tomando como referência o diagnóstico de Walter Benjamin que versa sobre a perda da experiência a partir da emergência de modos de vida inerentes à modernidade e à consequente expansão e estabelecimento das cidades como lócus por excelência da vida humana. Com este escrito precário, como muitos territórios citadinos, intentamos promover a desabituação nas formas de perceber e vivenciar o espaço urbano. Nesse sentido, convidamos a pensar práticas e formas de ocupação e produção de espaços que, sendo capazes de infectar o corpo urbano, como vírus, promovam a possibilidade de produção de experiências autênticas. Um exemplo desses espaços é a feira central. Quantos mais poderemos construir?

Palavras Chave: Cidade, Experiência, Mal estar.

ABSTRACT

This essay addresses the malaise in the urban space, taking as reference Walter Benjamin's diagnosis which /discusses the loss of experience through the emergency of lifestyles which are inherent to modernity and the consequent expansion and establishment of cities as human life's place par excellence. With this poor writing, as are many city territories, we intended to promote habits' withdrawal in the ways of perceiving and experiencing urban space. In this sense, it's an invitation to think practices and ways/forms of occupation and production of spaces that, being able to infect the urban body, such as viruses, promote the possibility of production of authentic experiences. An example of these spaces is the central marketplace/fair. How many more are we able to build?

Key words: City, Experience, Malaise.

SUMARIO

Introdução.....	09
Por que a cidade?.....	10
Imagens do invisível urbano	17
Cidade e territórios	21
A Feira: resistência	24
Considerações finais.....	26
Referências Bibliográficas.....	29

Introdução

O que é uma cidade? Que aspectos arranham as subjetividades condenadas a habitar este ambiente que se apresenta à experiência como inóspito? Que tipos de narrativas envolvem a substância inapreensível do mal estar fulgurado nas cidades contemporâneas? Estas são algumas questões sobre as quais este escrito tem interesse de se debruçar, sem a menor pretensão de atingir esgotamentos, mas de operar o espraiamento de sentidos possíveis nesta abordagem. Para isto, parto de minha experiência no espaço urbano, interrogando-me acerca do processo de constituição das formas de perceber o mundo, a cidade, costuradas à nossa época. Aqui, questionamos, pondo em foco cenários, enredos, personagens e narrativas que irrompem como pixo nas paredes desbotadas, denunciando a falácia desenvolvimentista de ordem e progresso que anima a produção do espaço e do tempo das cidades contemporâneas, marcadas pela determinação excessiva e segregação.

Freud em conferência proferida ao crepuscular do século XIX, metaforiza: as pedras falam! [*saxa loquuntur!*] (Freud, 1977, p. 218, vol III). Metáfora mais que adequada ao nosso intento. Transignifica a fala sobre corpo histórico, decretando a fina ligação entre as dores perdidas da carne e as palavras, o desejo. Estabelecendo um novo valor à palavra histórica, desvela o inconsciente, este monstro atemporal que insiste em irromper, a partir de erros e fissuras discursivas, como que forçando um cortejo indesejado à consciência. Freud abre sua escuta ao inaudito, aos restos perdidos de histórias, fragmentos candentes em um não lugar, trazendo-os à tona não como novidade, mas como ruptura. A verdade acerca do desejo só podia ser apreendida através destes resíduos. Decifra palavras cujos idiomas perderam-se ou ainda não foram estabelecidos.

Este trabalho quer fazer falar a cidade. Interessa-nos especialmente os ruídos sincopados que ecoam constantemente a partir das contradições inerentes à vida urbana em seu ritmo maquínico e irrefreável. Interessa-nos, sobretudo, aqueles ruídos que materializam o mal estar e que trazem aos nossos ouvidos atentos as fagulhas de passados e histórias recalçadas, de

promessas não realizadas, que continuam a atordoar-nos frente a um presente que escorre ligeiro em direção a um futuro implacável. O que nos dizem as cidades? Que histórias nos permitem contar? Quais seus enredos? Seus segredos? O que são capazes de confessar?

Será possível pensar a cidade a partir de seus detalhes apagados? Das rachaduras e dos buracos que dificultam a macia passagem dos pneumáticos? Do lixo e dos excrementos que diariamente, após apático descarte, desaparecem sob nossas vistas? Certamente podemos pensar a cidade a partir de seus materiais, de suas formas arquitetônicas, de suas tristezas e penúrias, de sua obsolescência. O lixão dos dejetos, enterrados e condenadas ao apagamento, ao passado. O que nos dizem os muros e grades, elementos cada vez mais hegemônicos na paisagem urbana?

Para animar a nossa inquietação, tomamos como referência o pensamento de Walter Benjamin, que se volta à modernidade a partir da apreciação da explosividade de grandes metrópoles como Paris e Berlim. Este autor aponta como marca de nossa época a crise da experiência, instaurada através da derrocada da capacidade narrativa dos sujeitos na modernidade, da impossibilidade de estabelecer nexos entre o patrimônio cultural e a existência individual. Tomamos como ponto de partida a vontade de entender como se apresenta a perda da experiência nas cidades de hoje. O diagnóstico benjaminiano é ainda suficiente, depois de quase um século e várias mudanças culturais, econômicas e tecnológicas, de esclarecer sobre as formas de sofrer na contemporaneidade?

Este trabalho desconhece seu ponto de chegada, fazendo disto sua força motora irrestrita. Neste sentido, adotamos como metodologia a idiorritmia, tal como sugerida por Roland Barthes. Distanciando-se da ideia corrente atrelada ao termo ritmo, como continuidade estanque, repetição, o filósofo francês acrescenta o prefixo *Idios*, próprio, particular, conferindo fluidez ao rítmico (Resende, 2015). Nesse sentido, adotamos a idiorritmia, procurando, a partir da produção de ritmos particulares para nosso percurso, evitar a decisão premeditada de um objetivo, para o qual a utilização de protocolos garantiria a chegada em lugares previamente determinados. Tais garantias, estabelecendo

lugares de passagem segura ou caminhos a evitar, evadindo as contingências do trajeto da construção do saber, a nosso ver, diminuem a potência da escrita. Adotamos esta metodologia, também, como proposta de leitura da cidade, por perceber que sua racionalização estabelece modos de circulação e de vivência cada vez mais privados e previsíveis, o que se enxerga com clareza na forma da cotidianidade. A idiorritmia, serve-nos portanto como instrumento de pesquisa e como horizonte da produção desta escrita, que compromete-se com o afeto do pesquisador.

Neste sentido, tomamos o diagnóstico da modernidade apresentado por Benjamin como filtro para a nossa leitura da cidade, tentando enxergar em seus aspectos secundários, semivisíveis a possibilidade de produzir fissuras nos discursos hegemônicos de razão e progresso que orientam a produção dos espaços urbanos de hoje, precipitando modos de vida onde impera a ética privada individual, a funcionalização do tempo e do espaço e a gestão do desejo. Não se trata de um exercício saudosista, muito menos pessimista, mas da percepção da necessidade de se estabelecer, a partir dessas rupturas, novas formas de engajamento para com o presente. Tomamos os três registros, tempo, espaço e desejo para vislumbrar como se dá sua experiência nas cidades, procurado estabelecer a sua ligação com a gênese do mal estar contemporâneo.

Por que a cidade?

O que é a cidade? Tomando como referência a Polis Grega, seríamos capazes, através do vislumbre das fantasmagorias que a história nos relega, de formular uma resposta a esta questão? Nascedouro da política e, portanto, do desgarramento do destino humano das vontades divinas, podemos afirmar que a forma polis representa a tentativa primeva dos humanos ocidentais de estabelecerem uma organização coletiva capaz de contornar o desamparo do homem frente a implacável vontade da natureza. Nasce tendo como função a providencia da felicidade, estabelecendo o domínio da natureza e a organização da vontade coletiva, através do estabelecimento da lei escrita, da organização da circulação das palavras.

David Harvey, rememorando a descrição do sociólogo urbano Robert Park define a cidade como:

a mais consistente e, no geral, a mais bem-sucedida tentativa do homem de refazer o mundo onde vive de acordo com o desejo de seu coração. Porém, se a cidade é o mundo que o homem criou, então é nesse mundo que de agora em diante ele está condenado a viver. Assim, indiretamente, e sem nenhuma ideia clara da natureza de sua tarefa, ao fazer a cidade, o homem refez e a si mesmo. (Park citado por Harvey (2013, pg. 47))

Da Pólis Grega, nascedouro mítico da cultura ocidental, do direito, da história, da política, da ética, da arquitetura, o que ainda se revira sob as brutais crostas urbanas de hoje? Que desejos ou mandamentos ordenaram as transmutações nos espaços urbanos desde a polis até as exuberantes e caóticas cidades modernas? O que podemos extrair do exercício de esmiuçar, ao modo dos arqueólogos, a paisagem urbana em busca de estilhaços de histórias? Fragmentos fantasmagóricos da vida que teima, vultos Insólitos de existências vis?

Walter Benjamin e Freud agitam nossos espíritos nesses exercícios indóceis. Ambos interessados pelas miudezas, pelas resvalas e reflexos de processos colaterais civilizatórios, pelos fragmentos e restos não integrados, pelo que se apresenta como sintoma. Para estes autores, o passado se apresenta como um lampejo fugidio, que só se permite ser apreendido em imagens que se apresentam efêmeras, irreversíveis no momento em que são reconhecidas. Assim, concebendo o tempo não em sua extensividade, mas intensidade, encontramos a possibilidade de estabelecer relações entre o passado e agora.

Assim, a cidade torna-se um objeto de interesse epistemológico, pois define e modula o status próprio do sujeito do conhecimento, desvelando suas formas de sofrer nos modos de viver que o espaço urbano lega em sua história (Santana, 2012). Nesse sentido, tanto o método psicanalítico como a filosofia

histórica de Benjamin se propõe à reelaboração da experiência autêntica (*erfahrung*), pela construção e reconstrução de narrativas, permitindo reanexar os fragmentos esquecidos do passado ao jogo do tear da história, abrindo novas possibilidades de significação para as narrativas individuais ou coletivas que se esbarram em metanarrativas unitárias e hegemônicas, da cidade, da vida comunal.

Entendemos que a compreensão dos processos de enquadre do desejo que fundam a civilização, assim como as formas de sofrimento, ou de construção discursiva em torno do mal estar, só pode ser efetuada se considerada a dimensão histórica na qual se inserem suas dinâmicas. Se a civilização representa a composição das formas históricas de sociabilidade, e o que se nos apresenta como forma moderna é o paradigma capitalista, é este que vai estabelecer os limites para a realização do desejo, ou em termos freudianos, o balizamento ao princípio de realidade (Iasi, 2013).

Nesse sentido, a nossa análise se dará sobre a modernidade, levando em consideração os modos de vida produzidos a partir desse recorte, a saber, aqueles que surgem a partir e através do espaço urbano, de sua expansão e estabelecimento como lócus por excelência das atividades e relações humanas. Mas o que promete, o que gesta, o que vela, o que silencia a modernidade nesse contexto, enquanto uma plataforma política que circunscreve a estética de um tempo e sua ética?

Através da obra poética de Charles Baudelaire, Benjamin apreende o sentido da Modernidade, ilustrando-a como expressão do sempre novo, da transitoriedade, agalopando em tempo devorador e abstrato. Esse sentimento de transitoriedade se apresenta especialmente agudo nesse recorte histórico, sobretudo pela falência da razão teológica relativamente consistente que orientava a vida em períodos anteriores, nas quais o sentimento de finitude opunha-se ao infinito divino. O que caracterizaria a modernidade, assim, seria a ausência deste porto teológico que servia de consolo à inevitabilidade da consciência do efêmero.

Neste panorama, a Razão, pretendendo iluminar toda e qualquer forma de ser possível, o Progresso, como movimento galopante irrefreável em

direção ao futuro, atropela violentamente o presente, “aprimorando” formas de existir e estar no mundo através de sua fagocitose. Tomemos Razão e Progresso como categorias vitais, cuja força anima e aponta o horizonte para o projeto da modernidade. Como estalão fundamental deste projeto, destacamos o advento do discurso científico, inaugurando uma forma fragmentária e instrumental de apreensão do mundo e da verdade, tendo como precipitado o desenvolvimento acelerado das técnicas de domínio material da natureza e das massas humanas, alicerce de profundas revoluções: da linha de produção à luz elétrica, da prensa de Gutenberg à bomba atômica, do celular ao Pokémon.

Como pretensão última, a modernidade efetiva: a expansão da produtividade, o desenvolvimento de caminhos para a racionalização dos meios de produção, bem como a gestão de sua organização numa peleja pelo rendimento máximo, fim este que, a história tem mostrado, dispensa justificativa para seus meios. Mas, tudo isso nos força a pensar sobre suas consequências, tanto no âmbito da cidade quanto no âmbito da vida comunal.

A cidade moderna se apresenta como forma da transição incessante, explicitando seu traço inconsistente e frágil. O urbanismo, nascido no século XIX, tomando a cidade como objeto, pretende-se ciência. Toma este objeto com o intuito de fazê-lo compreendido ao ponto de torná-lo manipulável, num sentido que beira uma delirante manobra psicopedagógica. A Paris do século XIX, modelo de cidade moderna para Benjamin, sob o projeto de reurbanização de Haussman, inaugura a paisagem que hoje se apresenta comum nas metrópoles e grandes cidades ao redor do mundo e no Brasil, onde os precipitados de ponta do urbanismo se confundem com as ruínas (Harvey, 2012). A potência da transitoriedade moderna reúne sob o mesmo signo, o da morte, as belezas e ruínas do velho e do novo, condenando-as à mesma obsolescência no presente. Esta simbiose entre passado e presente, efetuada sob o grito de caçar da rasga mortalha, caracteriza a consciência temporal moderna.

É, na verdade, só mais um olhar, que se forja sob a atmosfera hermética do cientificismo racional. Um olhar que perscruta, querendo entender o funcionamento, fundando as leis régias deste novo objeto do conhecimento, o

urbano. Toma-o como organismo, onde cada parte deve estar em consonância com o todo. O urbanismo, pensando a cidade como organismo controlável, acredita-se capaz de orientar a fundação de cidades modelo: onde não há espaço para a contingência, onde haveria o domínio perpétuo da técnica sobre a natureza, a fundação de uma segunda natureza. Vemos os efeitos deste pensamento: em qualquer lugar do mundo por onde se viaje, haverá a sensação de que se está em casa. A cidade do urbanismo, pensada como coisa neutra, pode ser reproduzida em qualquer momento ou espaço, estendendo-se, inclusive aos nossos corpos.

Walter Benjamin, testemunhando no início do século XX a intensificação do capitalismo, a industrialização, inseparável e dependente do desenvolvimento de grandes centros urbanos e metrópoles, apresenta-nos a sua leitura acerca das causas do mal estar na modernidade. Benjamin revela que a apreensão da temporalidade moderna está intrinsecamente ligada ao processo de produção capitalista, representado pela fragmentação inerente ao tempo da produção e do caráter obsoleto e fetichista da mercadoria, novidade sempre em vias de tornar-se lixo.

Em um ensaio de 1933, intitulado *Experiência e Pobreza*, Benjamin aponta para o declínio da experiência coletiva na modernidade, consistindo na incapacidade de estabelecer a *Erfahrung* (experiência autêntica), remetida à tradição em sua função de transmissão de formas de vivência ou maneiras de apreender o mundo coletivamente. A falência da experiência autêntica é sentida como incapacidade de construir narrativas capazes de representar ou situar os sujeitos em suas histórias individuais e coletivas. Em contraponto, caracteriza a experiência moderna como *Erlebnis* (vivência), marca da experiência desenraizada e estritamente individual característica da vida urbana contemporânea.

Sobre a falência da experiência na modernidade, comenta Benjamin:

Qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós? A horrível misórdia de estilos e concepções do mundo do século passado mostrou-nos com tanta clareza aonde

esses valores culturais podem nos conduzir, quando a experiência nos é subtraída, hipócrita ou sorrateiramente, que é hoje em dia uma prova de honradez confessar nossa pobreza. Sim, é preferível confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade. Surge assim uma nova barbárie (BENJAMIN, 1985, p. 115).

As transformações desencadeadas pela intensificação do capitalismo na vida cotidiana, que passa a ser orientada pelos tempos da produção que acompanham o progresso da técnica, fazem-se ao mesmo tempo causa e efeito das dinâmicas urbanas. O ritmo fabril, fragmentado e veloz, inaugura outra relação com o tempo. Os espaços (assim como nossos corpos) passam a ser organizados de maneira racionalizada para permitir um ritmo de circulação de pessoas e mercadorias nunca antes experimentado. Corpos individuais transitam pela cidade cada vez mais desligados dos lugares em que se movimentam e das pessoas com quem dividem os espaços. Esse novo panorama existencial atravessa fortemente a produção das subjetividades.

A formação da subjetividade moderna está associada a emergência de um modo de vida peculiar e historicamente localizada, caracterizada pela contextualização citadina, marcada pelas ambivalências e excessos de estímulos, e interpelações ideológicas, de consumo e de poderes gestores da vida.

As cidades contemporâneas ao redor de todo o mundo agregam formas de subjetivação semelhantes, forjadas pelo bombardeio de imagens e propagandas, pela presença de dispositivos e formas de sociabilidade virtuais, veiculadas em *gadgets*, e pela circulação da vida em torno do consumo, combinando velocidade e esvaziamento da narração e do sentido histórico de nossa época. Podemos apontar para as formas concretas que tem se tornado marcas corriqueiras de nossas cidades, invólucros desses modos de subjetivação: condomínios e shopping centers, dotados de arquiteturas uniformes, lugares de consumo de mercadorias e estilos de vida, de marcas desprovidas de história e desligados das tradições e valores representantes

das culturas dos povos, favorecendo a vivência de um tempo-espaço sem qualidades, esvaziado.

O crescimento desordenado e errático e o multiculturalismo conflitante, o segregacionismo territorial, associado a marcadores sociais e econômicos, manifesta de forma muito clara o declínio das meta-narrativas históricas que imaginaram o desenvolvimento progressivo e racional através do tempo. Mesmo cidades que sustentam signos do passado, como Campina Grande, sofrem o encolhimento do presente à velocidade dos processos urbanos, ao mal estar em relação ao devir desordenado. A cidade é como um novelo de discursos e práticas, integrados as teias globais de produção, consumo e comunicação. A experiência urbana agora faz-se pela comunhão confusa destes múltiplos discursos, locais, nacionais, globais. Não há mais a capacidade de apreender uma ordem cronológica unificada na cidade, mas a das relações simultâneas que ocorrem nesses espaços.

Nesse sentido, a subjetividade moderna forja-se em contraste com as forças padronizadoras da modernidade, daí a sobrevalorização do espaço privado, da habitação, repleta de detalhes e traços que auxiliam na consistencialização das identidades em detrimento da vivência anônima e desorientada das massas, do espaço público. Como elaborar narrativamente os sentidos da vida em nossas cidades, que não se estruturam em torno de marcas territoriais ou históricas aspirantes a uma unidade cultural, coletiva?

O indivíduo em conflito com a massa e com os poderes soberanos que as aboiam, afirma-se pela negociação com os espaços e pessoas. Podendo ler e compreender a cidade a partir da alteridade. Nesse sentido, a feira central de Campina Grande, pululante e diversa impacta os limites de cada indivíduo, oferecendo inumeráveis cenas e ângulos de visão e de vida.

De que forma se apresenta a perda da experiência no espaço urbano? Nosso exercício aponta para a leitura de três registros fundamentais e estruturantes da experiência urbana, a saber: tempo, espaço e desejo. Como se produz e se vivencia esses registros, como eles podem nos apresentar algo sobre o mal estar das vidas urbanas?

. O desafio aqui é figurar a perda da cidade ideal do modernismo: descrevendo fragmentos de cenas da vida urbana, fragmentos do presente, sua heterogeneidade, a contundência da violência e do medo, seja reavivando o labor da memória ou do sonho, ou recruzando nostalgicamente a cidade perdida, evocando a distopia, a penosa condenação de se viver no espaço urbano e de dizê-lo. Tentar ler, interpretar e dizer a experiência urbana marcada pela perda das certezas, da presentificação do tempo, do questionamento das suas possibilidades de narrativa. Apresentaremos agora pequenas narrativas, cujo intento é animar a formação de imagens – pessoas, cenas, objetos, arquitetura, gestos – que podem ser lidas como linguagem que elabora verdades desprezadas, apresentando pistas, que podem ser colhidas na experiência percebida, acerca do mal estar na vida urbana.

Imagens do invisível urbano

Centro

Descem as sombras sobre as ruas, produzidas pela intromissão de edifícios de não sei quantos andares, gigantes de vidro que lembram espelhos, diante do horizonte de luz avermelhada, tom de crepúsculo. As veias urbanas, por essas horas, se congestionam: a cidade é hipertensa!!! Ao modo de peixes cruzando os mares, milhares de latas ocupam o espaço, percorrem distâncias, cortam as ruas, em percursos e ritmos estritamente controlados: a rua é feita de sinais. Em nossa cidade, o automóvel é o cidadão primordial. Percebam as autovias engolindo as calçadas, os estacionamentos sobrepondo passeios e praças, substituindo os casarios e seus fantasmas, viadutos enquadrando os ares, o vôo dos pássaros e o horizonte. Para os cidadãos de carne e osso, transitar é um exercício de cuidado e atenção aos limites. Atravessar a rua fora da faixa de pedestres é um ato de profunda responsabilidade: caso haja choque entre carne e carro, a carne está sujeita à multa.

As políticas que regulam as formas de circulação pelo espaço urbano, preconizando e estimulando a expansão do consumo de veículos privados, cujo alto custo social e ambiental tem se manifesto claramente nas grandes e

médias cidades brasileiras, acaso não estariam definindo o colapso que se apresenta na mobilidade? O tempo que se passa dentro de automóveis aumenta exponencialmente, assim como os congestionamentos e acidentes no trânsito. Essa forma de locomoção é uma expressão muito clara do processo de reificação da vida nas cidades modernas:

presas em seus casulos individuais, estão no mesmo lugar, fazendo as mesmas coisas, mas não formam um grupo, e sim um coletivo serial no qual prevalece a indiferença mutua. (Iasi, 2012, pg. 42.)

Vida de gado.

O centro se esvazia, é só local de trabalho. O asfalto esfria lentamente. As estrelas são como uma chamada para os seres invisíveis do centro da cidade: cheira-colas, vagabundos, travestis e garotas em horário de programa, dentre outros párias. Os primeiros raios de sol abrigam a debandada. O centro da cidade de dia é ralo de dinheiro, à noite sobra só o cheiro.

Beco

Há uma movimentação interessante nos becos da Universidade Federal de Campina Grande. Em alguns deles, é possível contemplar murais de mosaicos e obras de grafiteiros locais, paredes que falam e oferecem figuras cujas histórias podem ser construídas a partir de sua apreensão pelos expectadores, geralmente jovens baforadores. Estes lugares, dão aos transeuntes desavisados choques artísticos, oferecem experiências sensíveis capazes de marcá-los, conferindo um sentido a mais à travessia. Outros lugares, completamente higienizados, podem ser atravessados sem que a menor atenção seja dispensada ao trajeto. Os becos, oferecendo a possibilidade de construção de um sentido individual ou coletivo para o espaço, incitando a permanência contemplativa, interrompendo os fluxos, configuram-se, portanto, como territórios. É como se os sujeitos fossem passagem para os

becos, ao tempo em que passam por eles, absorvendo suas marcas, sendo marcados. Os lugares assépticos, não oferecendo equívocos, não interpolando os sujeitos em suas rotas pré-definidas, são só lugares de passagem.

Ciro Bottini

Do corredor ouvi a voz efusiva de **Ciro Bottini**, o maior vendedor brasileiro, vazando pelo intervalo entre o chão e a porta. Toquei a campainha, ouvindo o tradicional sino eletrônico atropelando a propaganda de uma faca que tudo corta: “eu quero essa faca, **bottini**”, repetia ele naquela vozinha fina, seu alter ego. Quem abriu a porta foi a vovó Xopô, uma velhinha gente boa. A sala estava arejada e úmida. Havia um purificador de ar soltando fumaça de água, impedindo o ressecamento das narinas da gentil senhora naquele dia quente. **Bonttini** continuava alardeando suas ofertas 10% de desconto pra quem ligar nos próximos 5 minutos e ainda leva um kit de...

Depois de alguns dias naquele apartamento, habituei-me às ininterruptas ofertas. A vovó Xopô preferia **Bottini** à jornal, beijo de novela. Ela saía pouco de casa, fazia tempo que não contemplava o horizonte. Bom, a cidade de São Paulo não possui mais essas bossas, horizonte, vista panorâmica aberta ao distante. A última coisa que desejou foi uma câmera fotográfica digital: queria fotografar o sol que vez em quando entardecia a programação.

Integração

Uma mulher com cara de sono aguarda o ônibus, sentada em um daqueles assentos vermelhos da integração. Olha distraidamente para o chão cravejado de chicletes, perdida em pensamentos ou dormindo de olhos semi abertos. Passa tudo: algodão doce, cachorro, criança, pipoca, 500, meia hora, só não passa o ônibus da mulher. A esse ponto ela já dá pescadas, parece não sentir o mundo fora de sua cabeça. Um ônibus meio cheio para próximo, cuspidando algumas pessoas, engolindo duas. Um vendedor de sonhos e uma crente. A mulher levanta-se de sobressalto ao tempo em que o motorista

manobra em direção à porta da rua serventia da casa. Suspira emputecida, agora bem acordada.

Os chicletes aderidos ao piso cinza queimado testemunham mudos. Certamente são sovas de esperas. Passa um bêbado cheiroso, caminhando em linha torta. A mulher volta a sentar-se, vai mastigar o tempo.

Lixo

Um menino anda em meio à multidão que baila ao som de Wesley Safadão. Camisa encardida de campanha, chinelinha de dedo, calção verde rasgado, cicatriz na canela. Saca de linhas vermelhas cruzadas, estendida sobre o ombro esquerdo, caindo pelas costas, engolindo latas de alumínio. O menino é um empreendedor autônomo. Aposta no mercado do lixo, o único que nunca entra em crise. Este menino tem o seu lugar garantido no capitalismo: Uma latinha demora uma porrada de tempo para se decompor; no saco dele é uma noite, uns R\$ 2,40 o quilo. Enquanto a massa abestalhada sorve loucamente a bebida ao som de “vou dar virote”, o menino apressa a colheita.

Grade

-Flavinho, vá lá embaixo abrir as grade pros homi. (Eletrodoméstica – Kléber Mendonça Filho, 2007)

A estética urbana contemporânea, marcada por grades, muros, cercas, materializa o ideal de militarização da cidade, onde cada cidadão é, ao mesmo tempo, cidadão e presidiário.

Estes pequenos fragmentos são picaretas afiadas. Sua função aqui é destroçar as fantasmagóricas imagens que ilustram os cartões postais, de qualquer lugar. Errar pela cidade, buscando em suas rachaduras histórias que suspendam sua temporalidade e dinâmica, eis a nossa metodologia. Errar buscando o despertar da anestesia, da mera contemplação de uma história que

segue vias próprias, a história da cidade! Com ela, podemos produzir estes instantâneos, cada um deles, portador de gatilhos do desassossego, cutucando e desfazendo qualquer verdade pronta.

Imagens dialéticas, “instantâneos que condensam as incontáveis interpenetrações, os movimentos dialéticos do ocorrido, na intensidade temporal do agora” (Benjamin, 2007, p. 504) Imagens prenes de provocar tensões no fino tecido da realidade, do agora, desmontando a linearidade do tempo. Sua função não é, portanto, representar algo, mas interligar pontos e construir novas redes de possibilidades, de histórias inauditas que podem reafirmar-se hoje, agora.

Cidade e territórios

As cidades dos nossos dias, tal qual as do passado são territórios de pululantes conflitos. Lugares onde se produz a tez do diverso, do estranho, do familiar, do estrangeiro. Local de fabricação de práticas para acolhe-los, dar corpo às suas faces ou dissipá-los (Baptista, 2012). Assim podemos observar nas cidades, territórios de livre passagem, de errância, de transposição e encontro, mas também territórios restritos, regulados, privados. Há planejadores da experiência coletiva destruindo, construindo e propondo espaços e velocidades (Mizoguchi, 2012, p. 53.). Há uma tensão indelével entre a racionalidade geométrica e funcional que esquadrinha o espaço e um emaranhado volátil de existências humanas. Em meio às ruínas produzidas por este embate infundável, podemos resgatar imagens, estilhaços de memórias capazes de produzir, a partir do agora, a crítica dos projetos instalados em nossa realidade.

A partir do interesse pelas manifestações secundárias da vida urbana podemos vislumbrar a possibilidade de compreender de forma mais aprofundada as dinâmicas inerentes ao desenvolvimento dos centros urbanos. Por exemplo, os materiais e formas arquitetônicas da cidade dizem sobre a sua territorialização, assim como as tendências da moda ou tipos de veículos

utilizados ou mesmo o lixo produzido por seus habitantes ou visitantes. Seus trajetos e fronteiras, limites e liames nos podem revelar valores.

Em última instância, podemos considerar as cidades como campo de conflito entre interesses que poderiam ser representados por uma guerra pelo espaço, precipitada dos imperativos de uma política econômica neoliberal globalizada que capta o espaço e as políticas urbanas e de moradia, fogocitando territórios, reconfigurando e destruindo espaços e modos de vida. Esse processo não acontece sem resistência. Das lutas de comunidades tradicionais e indígenas pela soberania sobre suas terras históricas, de resistência de grandes contingentes populacionais desterritorializados para dar lugar a obras infraestruturais ou pela especulação imobiliária, das mobilizações camponesas pela reforma agrária e dos movimentos de ocupações urbanas, da eclosão de novos movimentos sociais cuja pauta do direito à cidade anima a organização descentralizada e autônoma, tomando a rua como principal campo de intervenção. É Raquel Rolnik quem dirá melhor:

Estamos, portanto, diante de uma “guerra dos lugares” ou de uma guerra “pelos lugares”. Nessa guerra, o que está em jogo são processos coletivos de construção de “contraespaços”: movimentos de resistência à redução dos lugares a locais de extração de renda e, simultaneamente, movimentos de experimentação de alternativas e futuros possíveis. Como toda guerra, esta é marcada pelo confronto e pela violência. (Rolnik, 2015, p 186.)

Como em toda guerra, amontoam-se os destroços e debitam-se os espólios. Eis o caminho para desvendar o inconfessável, escondido nos escombros da história que registra os resultados dos embates.

Todos os focos de resistência, sejam coletivos, organizados, individuais, desorientados, dos movimentos pela cidadania à não-cidadania mendiga, fazem brechar o contínuo funcionamento da cidade máquina, escancarando temas submersos na anestesia cotidiana. Como um sintoma. A resistência, o descompasso, é o que da cidade se expõe à leitura.

Para Raquel Rolnik, a cidade não pode ser considerada espaço inerte, simples cenário onde se inserem conflitos e contradições, cuja origem estaria para além das configurações propriamente espaciais. Diz ela:

Defendo um papel específico e catalisador para o espaço (...) Porque o espaço pode ser uma fonte, da mesma forma que um arquivo, um papel no arquivo, um registro. Ele funciona como uma fonte na medida em que se lê, na história da organização do espaço da cidade, as formas de organização do trabalho, as formas de relação social, etc. (Rolnik, 1993, pg 28.)

A partir desse fragmento, fica-nos mais fácil responder a questão: Por que a cidade? A resposta só pode apontar para a consideração de que os lugares em que vivemos, a partir dos quais construímos nossas narrativas, as ruas por nós cruzadas em nossos itinerários regulares ou errantes, e enfim, as terras que esperam por mastigar-nos como boca faminta, guardam parte da história da época que nos acolhe.

Para inserir o espaço como categoria histórica, fundamental para entendermos os movimentos e transformações nas formas de laço social e dinâmicas produtivas, faz-se necessária a apreensão do conceito de território (Rolnik 1993). Este conceito nos interessa especialmente, pois, sumariamente, representa a apreensão do espaço por um sujeito. Em detrimento do espaço, que independe de um sujeito para existir, o território surge justamente onde há a construção de uma subjetividade relativa ao espaço. É, portanto, a partir da noção de território que podemos afirmar que o jogo de construção da cidade é atravessado por desejos.

A história dos lugares, dos territórios, tem também sua versão oficial. Aos cidadãos comuns, as áreas comuns, aos cidadãos de terceira as zonas de trincheira, periferias, encostas e morros onde correm a miséria se manifesta a céu aberto, onde bens simbólicos, como transporte, a saúde e a educação se apresentam de forma precária. Aos cidadãos com medo, os enclaves fortificados (Caldera, 1997) protegidos por segurança privada, rodeado de

jardins tão bem desenhados que parecem maquetes, floreados e verdes, mas não pise na grama.

A cidade não se apresenta para o humano apenas em caráter funcional de uso do espaço, mas como território de circulação de afetos, dotado de marcas e traços históricos, de significação, percepção e construção de uma territorialidade. Uma rua está para além do lugar onde se mora ou se passa, mas compreende também um espaço de atuação, carregada de memória, de história e experiências individuais e/ou coletivas. Nesse sentido, a memória topográfica fundada a partir do estabelecimento dos diversos territórios urbanos, não efetiva apenas a configuração pura do espaço, mas toma o espaço como plataforma que capta e envolve as experiências, individuais, coletivas, sociais de uma época, definindo por sua vez modalidades de viver juntos (Lima, 2012).

O espaço, portanto, para tornar-se território, deve conter o imprevisível humano. O humano, também, para fazer-se humano, contém o espaço, tornando-o território. Mas se é certo que o urbano se constitui em territorialidades, se é carregado de histórias e afetos, sendo estes a matéria que ultrapassa e sobrepõe-se sobre o espaço, é necessário afirmar que nesse jogo de poderes que tece a história, é necessário produzir resistências. Campina Grande guarda um grande território de resistência, preñado de possibilidades de ritmos que desafiam o tempo útil e produtivo da cidade:

A feira: resistência

Se a cidade moderna é a cidade do mercado, cidade mercadoria, tomaremos a feira como paradigma de território que resiste ao progresso e à razão esquadrihada da urbe. A fundação da feira livre de Campina Grande se confunde com a da própria cidade. O fato de ela ainda existir, encrustada em pleno centro, resistindo aos impactos da modernidade e das concorrências despontadas pelas grandes redes de supermercados e seus produtos padronizados, mais adequados à frenética rotina cidadina, representa interesse para nós. Nas paredes de sua história quadros de resistência e luta, como o

marcante episódio da revolta de quebra quilos, quando os mercantes se insurgiram contra a imposição do modelo de pesos e medidas e a taxa de imposto sobre o solo imposto pela recém nascida república como medida para a regulamentação e controle sobre o mercado. A revolta de quebra quilos pode ser entendida como ato de resistência contra as primeiras investidas da modernidade, que desabava violenta sobre as terras paraibanas no final do século XIX.

Se estendendo por uma vasta área do centro, aquela organização estranhamente consistente, ocupa ruas, becos e vielas. Todos os dias fervilham aquelas ruas, temperadas pelos aromas e cores infinitos que envolvem nossos sentidos em um cortejo vibrante. Mercadores e compradores, bêbados, mendigos, moradores das ruas, policiais, pedintes, um sanfoneiro cego, cachorros, cantadores e o que mais couber em "...", correndo, andando, sentados, deitados, todos ao mesmo tempo interagindo com o espaço. A feira desafia o caminhante, ameaçando cada passo à desorientação. Seus movimentos e caminhos são ricos em estímulos diversos, detalhes que se apresentam a sensibilidade de quem caminha desatentamente interessado. Cada rua, cada viela oferece-se, com seus sons e objetos disponíveis à atenção, à contemplação.

A feira encara o processo de modernização da cidade, resguardando práticas, valores e culturas. Mantendo vivas formas de laço social e de produção que a acelerada vida urbana tende a remeter a um passado que se pretende acabado, enterrado. Em nosso exercício de errância podemos encontrar relíquias no caminho, sob forma de cenas, personagens e objetos, que se apresentam como matéria para a produção de pensamentos oportunos. A experiência de transitar pela feira se apresenta radicalmente diferente da dos demais espaços do centro da cidade. As vielas estreitas e amontoadas de pessoas, bancas e objetos exigem a construção de um ritmo peculiar, em um movimento que assemelha-se a uma dança. O caminhar exige atenção ao ambiente e às pessoas, aos objetos. Cada passo é marcado por sons, cheiros e cores que transmutam-se juntamente com o espaço.

O tempo é marcado pelos relógios, mas também pelo burburinho das conversas e o som dos passos, seus ciclos e o de seus produtos se remetem à transmutação das estações, dos climas e das épocas. Não sendo aberta a passagem de veículos motorizados, as ruas podem ser ocupadas sem a preocupação usual que se têm quando se caminha pelo centro da cidade. A história se apresenta à sensibilidade, através de objetos e espaços que provocam fortes sentimentos de nostalgia. A baladeira, o candeeiro, cachimbos e fumos, bancos de madeira, dentre infinitos outros objetos que remetem a um passado tão recente, mas tão distante da vida moderna. Os feirantes anunciam seus produtos com a propriedade de quem exerce um ofício. O ofício se difere do trabalho racionalizado da produção, no sentido de que o primeiro tem profunda relação com a vida do sujeito, enquanto o trabalho de profissão é exercido de maneira mecânica, muitas vezes não representando mais do que o seu valor em dinheiro. O ofício é exercido como experiência, pois diz sobre a vida de quem o exerce. Os produtos vendidos pelos feirantes muitas vezes são produzidos por suas mãos, o que torna-os únicos, em contraste com os produtos padronizados precipitados das linhas de produção.

A feira não se concretiza apenas em um espaço físico que abriga o comércio, as trocas de diversas mercadorias, mas é a plataforma de relações interpessoais impregnadas de valores diversos, de lealdade à freguesia, e temáticas peculiares, carregadas de histórias e recortes sociais, econômicos, fazendo girar, naquele espaço, a memória coletiva, suas representações e marcas da história de um lugar, ou a movimentação de tradições. Por isso, este é um território de suma importância, documento vivo da história no presente. Fonte de fragmentos de um passado que resiste.

Considerações Finais

A nosso ver, a feira representa um lugar onde se é possível entrever e estabelecer experiências autênticas, tanto com o espaço, quanto com as pessoas. É um território que guarda, em pleno coração de pedra, a resistência dos narradores. As figuras míticas dos tropeiros, índios e mercadores, fundadores da cidade e da feira guardam certa relação com as figuras

apresentadas por Walter Benjamin em seu ensaio O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov (1994) como protótipos de vidas tecidas em torno das narrativas: O marinheiro viajante, que traz na memória as marcas de lugares distantes, e o camponês, preso à terra, senhor da técnica orgânica de manejo da subsistência e detentor da tradição, capazes de transfigurar a experiência em narrativas cujo compartilhamento precipita efeitos significantes nas vidas dos ouvintes. Pensando junto com Benjamin, definimos a narrativa como uma espécie de reconstrução artesanal da experiência, seja de um lugar, de fragmentos de tradição, de afetos, em artefatos lingüístico que podem ser compartilhados e assimilados pelos ouvintes, possibilitando a construção de sentidos coletivos para a experiência.

Assim, tomamos o território da feira central como modelo de organização sócio-espacial de onde ainda podemos extrair a possibilidade de construção de experiências autênticas. A ideia aqui não é tomar a feira como lugar idílico e paradisíaco, mas apontar para a potência que sua resistência fulgura, oferecendo-nos a possibilidade de escapar aos posicionamentos pret-a-porter em relação a cidade, a saber: daqueles que apontam a insustentabilidade irreversível do urbano e o daqueles que enxergam na cidade uma sociabilidade perigosa, dos que demandam ininterruptamente a gestão dos riscos através da militarização do espaço urbano, da criminalização da pobreza, da interiorização da vida privada.

Com este escrito precário, como muitos territórios urbanos, intentamos promover a desabituação nas formas de perceber e vivenciar o espaço urbano. Nesse sentido, convidamos a pensar práticas e formas de ocupação e produção de espaços que, sendo capazes de infectar o corpo urbano, como vírus, promovam a possibilidade de produção de experiências autênticas. Um exemplo desses espaços é a feira central. Quantos mais poderemos construir?

Este trabalho não se conclui, se interrompe. Se interrompe para ser retomado posteriormente, quando do momento oportuno. Se interrompe pois não se pretende acabado, por acreditar na impossibilidade de acabamento e, portanto, na fluidez da verdade. É possível produzir verdades sobre a cidade?, esta forma estranha que, como um líquido desordenado, irrompe, arrasta e

aumenta, desabando, sem a menor organização, sobre todo o espaço da terra?
Sobre a cidade é possível produzir pontos de vista, pois a cidade é contingência em cada ponto de sua extensão.

Referências Bibliográficas

BAPTISTA, Luis Antonio. **Tartarugas e Vira-latas em Movimento: políticas de mobilidade na cidade** In: _____. Corporcidade. Debates, ações e articulações. Salvador: EDUFBA. (2010)

BENJAMIN, Walter. **Experiência e pobreza**. In: _____. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. P 115. Coleção Obras escolhidas, v. 1.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov** In: _____. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. P 197. Coleção Obras escolhidas, v. 1.

CALDERA, Teresa Pires do Rio. Enclaves Fortificados: A nova segregação urbana. **Cebrap: Novos Estudos**, São Paulo, n. 47, p.155-176, mar. 1997. Anual.

FERREIRA, Marcelo Santana. **Walter Benjamin e a Cidade**. In: _____. Por que a cidade? Escritos sobre experiência urbana e subjetividade. Rio de Janeiro: Editora da UFF. (2012)

FREUD, Sigmund. **A Etiologia da Histeria**. In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 03). Rio de Janeiro: Imago. (1977). (Trabalho original publicado em 1896)

HARVEY, David. **A Liberdade da Cidade**. In: _____. Cidades Rebeldes Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo. (2013)

IASI, Mauro Luis. **A rebelião, a cidade e a consciência**. In: _____. Cidades Rebeldes Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo. (2013)

LIMA, Tiago Régis de. **Tramas insones da cidade** In: _____. Por que a cidade? Escritos sobre experiência urbana e subjetividade. Rio de Janeiro: Editora da UFF. (2012)

MIZOGUCHI, Danichi Hausen. **Equivocidades: passagens entre pensamentos.** In: _____. Por que a cidade? Escritos sobre experiência urbana e subjetividade. Rio de Janeiro: Editora da UFF. (2012), p 53.

RESENDE, Gabriel Lacerda de. **Limiares Urbanos Para Uma Política da Solidão.** 2015. 125 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2015.

ROLNIK, Raquel. História Urbana: História na Cidade? **Seminário de História de Cidade e do Urbanismo**, São Paulo, v. 1, n. 2, p.27-29, 1993. Bial. Bial.

ROLNIK, Raquel. **Guerra dos Lugares:** a colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo: Boitempo, 2015. p 186.